

## **PONTO, ZONA OU ÁREA DE CONTATO ?**

Dentro da dentística, vez por outra, encontramos controvérsias a respeito de algumas terminologias. Fisicamente ocorrem áreas de contato entre os dentes. Microscopicamente, dependendo da ampliação usada, poderão ser percebidos milhões de pontos nestes contatos. Portanto, a terminologia “ponto de contato” não é precisa. O termo “zona de contato” não relaciona a idéia dos detalhes e minúcias odontológicas. A referência ao contato como “área” apresenta-se tecnicamente correta, porque sugere uma região delimitada, mesmo quando usada na pequena escala dentária que pode ser observada e definida pelo profissional.

Este entendimento é importante porque as restaurações deverão utilizar estas mesmas áreas de contato pré-existentes nos dentes adjacentes. Por isto elas precisam obedecer a critérios rigorosos, pois os contatos da prótese precisam ser estabelecidos de modo mais semelhante possível como eram antes da restauração. De outra forma, com o passar do tempo, poderão vir a ocorrer problemas bucais no paciente. Qualquer alteração significativa que venha a existir nos contatos provocará impacção de alimentos, ocasionando problemas gengivais, alteração óssea, etc.

Existem várias técnicas para se obter os contatos em função do tipo de material usado nas restaurações. Quando as restaurações são diretas a colocação correta de matrizes para amálgama e resina seria o cerne da questão. Muitos tipos de matrizes estão disponíveis, e as condições locais indicarão o tipo mais específico para cada caso. Embora toda visão se depreende em forçar a área de contato, enquanto se condensa o material, ou se aplicam os acréscimos, o profissional deve se preocupar em criar os contatos sempre com o conceito de áreas. Isto é algo fundamental na dentística.

Vamos citar uma técnica que exige requinte e atenção, pois focaliza os detalhes, e uma vez interrompida sua seqüência o trabalho pode resultar em insucesso. Como existem várias formas de se realizar esta técnica, resolvemos descrever mais uma neste texto, além dos “loc-troc”, “pinos dowel”, etc. Abrange também restaurações indiretas.

Logo após vaziar o gesso devemos colocar uma placa metálica ou plástica no fundo do modelo. Esta simples placa vai predeterminar a posição correta do futuro troquel. Na seqüência, o fator para o sucesso será a forma de cerrar os troquéis. Nunca devemos cerrá-los totalmente. Precisamos deixar uma parte da seção sem corte, para fraturamos este restante da seção de gesso, e assim obtermos o encaixe da chamada fratura sacaróide, para o posicionamento inicial correto. Como o gesso tem estrutura cristalina este encaixe é quase imperceptível, e vai manter o modelo na sua posição original. Quando não se realiza a fratura do troquel, o encaixe não será correto, e isto poderá influir num possível fracasso. Preferimos esta técnica às demais devido a sua simplicidade e precisão.